

RECONSIDERAR A HISTÓRIA DA AMÉRICA: ARQUITETURA, MITO E UTOPIA

*RECONSIDERING THE HISTORY OF AMERICA: ARCHITECTURE, MYTH AND UTOPIA |
RECONSIDERAR LA HISTORIA DE AMÉRICA: ARQUITECTURA, MITO Y UTOPIA*

MARIA ISABEL VILLAC

RESUMO

À luz das teses de Walter Benjamin, o texto discute a importância do discurso sobre a reconsideração da História da América na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, a partir de duas questões: a disposição histórica marxista, enquanto responsabilidade pela construção de um destino próprio, e o apreço pela América, aqui entendida como mito e utopia. Para Walter Benjamin, o arquiteto propõe a dimensão histórica como fundamento de qualquer possível conhecimento e convoca uma reflexão crítica sobre o discurso, amalgamada a uma determinada prática e a uma determinada intenção de projeto que, em última instância, é política. Nas palavras do arquiteto se aclaram o problema da liberdade, da autodeterminação pela criatividade, da gestão de questões políticas que, em última instância, desejam reparar um equívoco e são a fonte que permitirá transformar a história sofrida em história querida: um substrato — *anima* —, para o projeto da arquitetura e da cidade na América.

PALAVRAS-CHAVE: América. Paulo Mendes da Rocha. Walter Benjamin.

ABSTRACT

*Based on the Walter Benjamin's philosophy, we discuss the importance of the discourse of the reconsideration of American History in the architecture of Paulo Mendes da Rocha, based on two issues: the Marxist historical proposition about the responsibility for the development of one's own fate and the valuation of America, here understood as myth and utopia. The thesis of Walter Benjamin proposes that the historical dimension is the foundation for any possible knowledge and the foundation for critical reflexion of the discourse united to a particular place and a particular intention of the project, the latter being ultimately political. The ideas of the architect elucidate the problem of freedom, self-determination through creativity, and the organization of policy issues which, ultimately, endeavor to clarify misunderstanding and they are a source that intends to transform suffered history into esteemed history: a substrate — *anima* — for the architectural project and the city in America.*

KEYWORDS: America. Paulo Mendes da Rocha. Walter Benjamin.

RESUMEN

A la luz de las tesis de Walter Benjamin, el texto analiza la importancia del discurso sobre la reconsideración de la historia de América en la arquitectura de Paulo Mendes da Rocha, desde dos puntos de vista: la disposición histórica marxista, que preconiza la responsabilidad hacia la construcción de un destino propio, y la apreciación por América, entendida aquí como mito y utopía. Consonante con el pensamiento de Walter Benjamin, el arquitecto propone la dimensión histórica, como la base de todo conocimiento posible, y convoca a una reflexión crítica sobre el discurso, amalgamando a una determinada práctica y a una determinada intención de proyecto que, en última instancia, es política. En las palabras del arquitecto se aclaran el problema de la libertad y de la autodeterminación por la creatividad, de la gestión de cuestiones políticas que, en definitiva, desean reparar un equívoco y son la fuente que permitirá convertir la historia sufrida en historia deseada: un sustrato — anima —, para el proyecto de la arquitectura y de la ciudad, en América.

PALABRAS-CLAVE: América. Paulo Mendes da Rocha. Walter Benjamin.

INTRODUÇÃO

À luz das teses de Walter Benjamin, o texto discute a importância do discurso sobre a reconsideração da História da América na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, a partir de duas questões: a disposição histórica marxista enquanto responsabilidade pela construção de um destino próprio, e as considerações sobre a América, aqui entendida como mito e utopia.

A proposição, no tempo presente, de uma revisão histórica por meio do discurso do arquiteto libera o irreversível dos fatos, quer atualizar o tempo, fazer surgir a experiência de um acontecimento originário. Para Mendes da Rocha, rever a História da América significa evocar a memória no sentido benjaminiano: compreensão das esperanças não realizadas e indagação pela transcendência da aventura existencial contemporânea para inaugurar uma promessa de felicidade e de desejo. Na incompletude neutra e objetiva dos fatos históricos, é possível resgatar “As centelhas da esperança” (Benjamin, 1994, p.224) que alimentam a imaginação emotiva e a importância antropológica do conhecimento.

A DISPOSIÇÃO HISTÓRICA MARXISTA: O HOMEM É CONSTRUTOR DE SEU PRÓPRIO DESTINO

A genealogia da imaginação em Mendes da Rocha instaura uma trama significativa que é, conjuntamente, um caminho comum que alimenta uma ideologia e um conceito solidário e aberto da história: “[...] a história, ela não existe. Ela só existe entre os vivos. Se a espécie fosse extinta, não há nada que você possa chamar de história. Portanto, a história somos nós, e o próximo passo da história virá em função das nossas ações a cada momento” (Rocha, 2012a, p.53).

A concepção de história se afasta do tempo linear, homogêneo e vazio. Seu tempo é “agora” (Benjamin, 1994, p.229). Para o arquiteto, a história não está fixa a uma imagem eterna do passado ou a um progresso futuro, mas depende exclusivamente da ação, da experiência: “[...] a história somos sempre nós, os vivos. Ela ‘*de per si*’ não há. Ela há entre os vivos. O recurso da estrutura histórica se dá sobre nosso entendimento e nosso conhecimento, que é uma visão marxista ótima” (Rocha, 2012a, p.68).

A disposição histórica marxista, que se identifica com a consciência das ações, reclama um compromisso que, segundo Mendes da Rocha, define o sujeito e funda o espaço da modernidade: “[...] um novo pacto universal sobre o destino da humanidade, que eu vislumbro como um momento da Modernidade [...]. É este momento, em que o homem assume a responsabilidade por seu próprio destino” (Rocha, 1986, p.28).

Assumir o próprio destino é indagar o presente, olhar a realidade do ponto de vista histórico para questionar sobre o projeto de um futuro desejado. O olhar para a realidade orienta que “[...] nós temos que observar o mundo como ele é, as coisas como elas são. Não podemos transformar o mundo de uma hora para outra” (Rocha, 2012b, p.135).

O materialista histórico, para Benjamin (1994, p.231), “Não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição”. Diferentemente do historicista, “Ele deixa a outros a tarefa de se esgotar no bordel do historicismo, com a meretriz “era uma vez”. Ele fica senhor de suas forças, suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o *continuum* da história”.

A disponibilidade real de uma estratégia que interrompe o *continuum* da história, para o arquiteto, afirma-se nas formas do habitar, e é, ao mesmo tempo, história e celebração da forma humana de existir: “O homem compreendeu que seu destino é, com toda contradição que isso possa implicar, construir seu espaço habitado” (Rocha, 1998, p.31).

O olhar construtivo é parte da estrutura existencial para o arquiteto Paulo Mendes da Rocha. É, ainda, uma referência ontológica que abre a dimensão dos sentidos e que se propõe como parte da genealogia de sua imaginação — que se compartilha como uma ampliação do sentido de humanidade. Uma vez que “[...] nós somos providências e fruto de uma possibilidade de habitar, viver. Mesmo as coisas prosaicas como cantar, dançar, amar, a partir de uma engenhosidade que constrói, constitui — nós constituímos —, nosso próprio *habitat*” (Rocha, 2012a, p.28).

Esta genealogia — a linhagem exemplar e significativa que inspira as ideias e as imagens do *habitat* —, é uma trama contemporânea à compreensão dos fatos. Não exclui “A experiência individual”; congrega, de forma problemática, a “Interlocução entre indivíduo e sociedade, entre indivíduo e totalidade” (Rocha, 2012a, p.68) e, no entanto, exige participação plural. É uma modalidade existencial do social e condição de coexistência, uma vez que “[...] não é mais uma questão do indivíduo. Nós temos mais que nunca consciência que somos o gênero humano” (Rocha, 2012a, p.49).

A coexistência se mantém aberta a um princípio de permanência, que reúne todos os seres humanos ao mesmo tempo, pois se trata do propósito e da necessidade de garantir a perenidade de um mundo em eterna mudança:

[...] a dimensão histórica sobre toda esta experiência [da habitabilidade do planeta], assume uma posição talvez nunca antes pensada com tanta clareza, qual seja, de imaginarmos, como esperança, como ânimo, como animação pra nossa vida, uma ideia de participar de uma aventura que seja garantir, preservar, providenciar um eterno inacabamento da própria existência humana (Rocha, 2012a, p.49).

O olhar que o arquiteto propõe, como construção dos sentidos da habitabilidade, situa a dimensão histórica como o fundamento de qualquer possível conhecimento; convida “Um andamento lógico no seu próprio raciocínio, que envolve memórias e a complexidade toda do seu psiquismo, do estado que você está diante de tudo isso na vida” (Rocha, 2012a, p.72) e propõe uma reflexão crítica sobre seu discurso formal, discurso esse inseparável de uma determinada prática que, em última instância, é política, e diz respeito à “[...] compreensão de em que âmbito, em que circunstância, com que política haveremos de conviver com as chamadas diferenças” (Rocha, 2012a, p.49).

O sentido de coexistência que o arquiteto confere à genealogia da imaginação tem sua tradução no conceito de história aberta, inconclusiva, cujo não acabamento Walter Benjamin discute em “*O Narrador*” (Benjamin, 1994). A exemplo do historiador, “A história mesma é uma construção. É essa visão, cujo caráter é aparentemente um tanto quanto autista enquanto discurso, é uma visão, entretanto, da monumentalidade de nossa própria existência” (Rocha, 1998, p.32).

AMÉRICA: MITO E UTOPIA

A mesma genealogia, compartilhada pelo conceito de história aberta, coloca-se como possibilidade de conhecimento e temporalidade da existência em um determinado lugar: “Nós somos monumentais de origem. Origem de qualquer pensamento, sobre qualquer pensamento” (Rocha, 2012a, p.63).

O arquiteto tece considerações acerca da América Latina, como uma história compartilhada, e quer estabelecer um sistema de significados coletivos com relação a este tema fundamental, para uma ideia de providência e responsabilidade, por meio de um caminho comum, que oriente o futuro da humanidade e da experiência da civilização:

[...] solidariedade hoje tem sentido [...] enquanto solidariedade humana [...]. Quer dizer, a grande perspectiva de caráter revolucionário é dar caráter humano a essa passagem, a essa compreensão de que, a partir do nacional, do particular, nós temos que abordar a questão universal do gênero humano (Rocha, 2012a, p.60).

A temporalidade, para o arquiteto, é tanto um olhar centrado sobre o passado, conforme elucidado na passagem “[...] em países atrasados como os da América Latina, é preciso rever e compreender todo um passado colonial” (Rocha, 1988b, p.124), como sobre o tempo em que “Começa a aparecer a possibilidade real da realização de alguns sonhos da modernidade. [...] algumas utopias sobre as possibilidades do homem nesta Terra começam a se deslumbrar possíveis. Sem dúvida alguma [...]. Cada vez mais [...]” (Rocha, 1986, p.27).

A modernidade, “Que desencanta o mundo sob os imperativos da racionalização de todas as esferas do real” (Chauí, 1990, p.19), exige ter o destino nas próprias mãos. A modernidade exige um projeto no qual o desejo é vontade consciente, nascida da deliberação (Chauí, 1990) e, para o arquiteto, é um estado revolucionário permanente:

A questão da modernidade caracteriza-se por um estado de espírito, de compreensão, que aflorou com toda a exuberância no princípio deste século, com as revoluções socialistas no México e na União Soviética, que abriram para o mundo uma perspectiva de solidariedade, de defesa da irmandade mundial, de repúdio às formas colonialistas de exploração do homem pelo homem, de construção de um mundo realmente moderno, posto que dedicado à aplicação dos recursos em benefício do homem e da sua realização plena (Rocha, 1987, p.33).

Na América, a modernidade se confunde com o desejo porque o projeto ainda não se revelou de forma íntegra. Para o arquiteto, o olhar moderno, como crítica que descongela qualquer visão contemplativa e ideal da utopia, aponta, na realidade mutável do presente, a visibilidade da história como uma ação transformadora, e inclui a América Latina:

[...] não se devia jogar fora nenhuma parcela de experiência humana, nesse “projeto da humanidade”, digamos assim [...]. O momento, por exemplo, latino-americano dos últimos 500 anos, é um momento que, com certeza, o mundo inteiro vai reconsiderar, não só quanto à América Latina, mas quanto a toda forma de colonialismo [...]. A reconsideração disso é uma questão belíssima (Rocha, 2012a, p.60).

A história, que tem momento, lugar e busca a responsabilidade compartilhada pela existência da condição “latinoamarga” (Campos, 1988), é um estado de ânimo que admite a contradição, pois encontra nela seu alimento e sua fundação. Essa história representa, na obra do arquiteto, um núcleo radiante que oscila entre o risco e a tarefa: “Temos sobre nós uma carga contraditória de tragédia e de alegria nos projetos que imaginamos sobre nossa própria existência no universo” (Rocha, 1993a, p.22).

Reconsiderar a história da América é recuperar o que se deixou para trás. Dar voz aos seus despojos, uma vez que o materialista histórico sabe que “[...] o passado traz

consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? [...] esse apelo não pode ser rejeitado impunemente” (Benjamin, 1994, p.223).

Para Mendes da Rocha, é imperativo rever a história da América para a compreensão do não realizado (Benjamin, 1994), para a indagação pela transcendência da aventura existencial contemporânea que se atualiza em esperança no presente: “O que nos espera é a marcante condição que haverá de caracterizar a dimensão americana de contribuição ao conhecimento universal: construir nos escombros do colonialismo uma hipótese plausível de futuro para nós mesmos. Para a América Latina” (Rocha, 1993b, p.335).

Para Mendes da Rocha a história não está encerrada. O passado terá que ser reaberto e narrado de outra maneira, a partir de sua relação com o presente. E voltar ao passado só tem sentido se este está iluminado pelo presente e pelo que virá. Assim, a:

[...] revisão crítica do colonialismo, da sua miserável e destruidora prepotência quanto à questão da arquitetura e do espaço habitado é fundamental hoje para o estabelecimento da integridade do que possa querer ser um homem contemporâneo, para todos os povos do mundo e para os colonizadores principalmente (Rocha, 2012c, p.144).

Reconsiderar, reconquistar, rememorar para “Salvar o passado no presente porque este se revela como sendo a realização possível dessa promessa anterior, que poderia ter-se perdido para sempre, que ainda pode se perder se não a descobrirmos, inscrita nas linhas do atual” (Gagnebin, 1994, p.16), é aceitar a evocação da América.

A América surge diante da história associada a uma proposta de revisar o cosmos e a concepção do indivíduo, à “Constituição, sem mediação da teologia, da dimensão singular humana, o humanismo, [...] equiparável, na época, a novas relações interpessoais, como uma amizade nova de cada homem consigo mesmo” (Martins, 1993, p.154).

Para o arquiteto, o descobrimento da América é um fato monumental que marca uma origem histórica e um princípio imaginativo na genealogia de sua arquitetura. América é, para o arquiteto, uma imagem moderna e utópica. América reúne discurso, cidade, “Beleza como utopia irrenunciável” (Zambrano, 1993, p.9). Em seu entendimento Rocha (2012a, p.63):

[...] os arquitetos mais inteligentes, que antes de ser arquitetos são homens, são poetas, são artistas, são pessoas que querem fazer um discurso, devem saber claramente: que, se vamos fazer pela primeira vez aqui, nesta paisagem límpida — tudo isso, que é a cultura universal, histórica, antiqüíssima —, enquanto intelectuais, antes de mais nada, tendo essa consciência da necessidade de fazer belíssimo aquilo, já que aqui se faria por primeira vez.

A ação renascentista que inaugura o “Novo Mundo” faz com que a América tenha, desde sua origem, a função de animar as marcas do moderno, outorgando-lhe um novo alento à tradição e possibilitando um novo campo de experimentações (Rodrigues, 1996). Enquanto memória, é uma origem renovadora, já que a ideia de “Novo Mundo” gera um novo processo de discussão sobre o significado da civilização e da ideia de Europa; enquanto futuro e projeto, a América é uma experiência visionária: radicaliza a surpresa do novo e participa da inauguração do mundo moderno, com novas linguagens e novas geografias e, principalmente, ampliando o conceito de alteridade (Rodrigues, 1996). Esta experiência deve ser compartilhada e considerada parte do conhecimento universal.

O arquiteto compreende que *“No alcanzamos lo universal abandonando nuestra particularidad, sino utilizándola como medio de alcanzar las otras, en virtud de esta misteriosa afinidad que hace que las situaciones se comprendan entre sí”* (Merleau-Ponty, 1977, p.148). O maior relato que o arquiteto toma e prolonga como sua visão sobre a história objetiva, portanto, que contribui para a gênese das obras humanas, é a apropriação de uma ação histórica que precede ao próprio arquiteto, na qual, em sua opinião, encontra-se o germe de universalidade compartilhada desde uma situação muito particular:

Há uma ideia inaugural na questão, enquanto questão erudita [...]. Ora, se você tem — e é fácil ter —, a consciência de que vai inaugurar isto, aqui, neste lugar que estava tão límpido e belíssimo por si, a ideia de exemplaridade, a mesma ideia que deve perseguir qualquer arquiteto, em qualquer lugar do mundo, se aguça tanto aqui [...] porque você está inaugurando a própria civilização no lugar. E faz isso, como quem faz de um modo já premeditadamente monumental (Rocha, 2012a, p.63).

A monumentalidade na América é uma possível visão do maravilhoso, ideia desenvolvida no século XVI que adjetiva não as descobertas, mas “Ao próprio mundo infinito das ideias e ao conhecimento que o homem tem de si” (Rodrigues, 1993, p.84). A América se projeta no horizonte do desejo do arquiteto e se mantém como território afetivo, aberto aos impactos da modernidade. Assim, viver na América orienta, de forma determinante, a expressão particularmente inventiva e revolucionária de sua arquitetura. A ideia do “Novo Mundo” ou “América” é uma matriz que deve conservar-se em movimento: a singularidade é insistente, imune ao tempo, mas mutável. Para Rocha (1988a, p.81):

[...] temos que saber andar passo a passo nesta América, mesmo porque ela sempre viveu de rupturas. A gente tem procurado não estabelecer rupturas, mas uma recomposição histórica capaz de fazer da experiência humana uma sublime “cantata” e “andante” em relação ao nosso destino de pleno gozo da vida, de abolir a miséria, o sofrimento. A Arquitetura não resolve essas questões, mas é uma grande coadjuvante, dá forma aos “artefatos” [original entre aspas], ao abrigo, às instalações que teremos que fazer para realizar a aventura existencial de sermos num certo lugar.

A América exige, segundo Rocha (2012c, p.148), que se pense a arquitetura como a composição de um movimento que, ao mesmo tempo, realiza a existência e especula um futuro de paz e “Onde cabe a cidade para todos”. E a ação, a imaginação e o desejo, que obedecem a uma determinada aspiração artística e política de realização, reiteram também um sentido que se compreende como originário, uma força seminal, mítica, que se sobrepõe e potencializa a utopia. É, também, ao mesmo tempo, uma realidade imaginária operante que incentiva a criação e a presença das estruturas objetivas porque exhibe “[...] uma dimensão humana, digamos assim, que ainda não estava totalmente revelada, porque emanou da América. [...] a inauguração de uma cultura ‘*in natura*’, desde a descoberta da América” (Rocha, 1999, p.37).

A mítica e utópica América é, na visão de Rocha (1999, p.37), instrumento de transformação. Ela simboliza o desejo e a imaginação que logrou reunir todo o mundo ocidental em um único empreendimento: “[...] estavam todos esperando, como se fosse uma cultura adormecida, a experiência desses que chegaram a uma parte do planeta, a América, como se fosse um planeta novo, de cuja existência, por muito tempo, nem se suspeitava”.

A América é multidimensional para o arquiteto. É, portanto, territorialidade e identificação imaginária; matriz centrífuga e centrípeta; raiz arcaica e modernidade transformadora, pois reúne o antigo e o novo, a memória e a utopia, o conhecimento objetivo e a abertura a uma ação em movimento. A América ensina, por seus inícios como natureza virgem a ser transformada e pela dimensão de todo um território a ser ocupado, a nutrir uma magnitude imaginativa nova. A novidade América, que contribui à genealogia da imaginação do arquiteto, ampara a ação construtiva como condição fundacional: “Somos nós que teremos que tocar a Terra, de forma nova, de maneira inaugural” (Rocha, 1986, p.28).

CONCLUSÃO

A contribuição do arquiteto Mendes da Rocha, aqui investigada como marca crítica e esperança histórica de emancipação, está na força de expressão de uma arquitetura que se constrói não como produto, mas como discurso e ação que esboçam uma autonomia de sentido ético e regem o projeto social como atividade de criação.

Na arquitetura, a relação discurso e obra é um sistema aberto. O arcabouço das palavras é caminho de acesso aos desígnios da prática e constitui um nexos comum, arbitrário e de duração temporal, no qual se apresenta uma trama de relações significativas que agrega discursos e imagens da memória e da imaginação.

Da tensão de sua própria experiência no mundo se desprende, nas palavras do arquiteto, o problema da liberdade, da autodeterminação pela criatividade e da gestão de questões políticas que, em última instância, desejam reparar um equívoco, e são a fonte que permitirá transformar a história sofrida em história querida: um substrato — *anima* —, para o projeto da arquitetura e da cidade na América.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, H. This planetary music for mortal ears. *Folha de São Paulo*, 22 jan. 1988. Folhetim, n.572.
- CHAUÍ, M.C. Laços do desejo. In: NOVAES, A. (Org.). *O desejo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p.19-66.
- GAGNEBIN, J.M. Prefácio. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.7-19.
- MARTINS, L.R. Novo mundo: uma ideia da Renascença. *Novos Estudos*, n.35,1993. Disponível em: <http://bvmemorial.fapesp.br/textdocs/memo/memo_novo_mundo.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. *Sentido y insentido*. Barcelona: Península, 1977.
- ROCHA, P.M. Exercício da modernidade: entrevista a José Wolff. *Revista AU: Arquitetura e Urbanismo*, ano 2, n.8, p.25-31, 1986.
- ROCHA, P.M. Morar no século XXI. In: WISNICK, J.M.; CARCONCINI, A. *A virada do século: reflexões sobre a passagem do milênio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.31-35.
- ROCHA, P.M. Trajetória pessoal e modernidade: entrevista a José Wolff. *Revista AU: Arquitetura e Urbanismo*, ano 5, n.18, p.79-81, 1988a.
- ROCHA, P.M. Desenho urbano, uma forma de compreender e transformar: entrevista a Vanda F. Pinto. *Revista Projeto*, n.113, p.124-125, 1988b.
- ROCHA, P.M. FAU Mogi das Cruzes: aula de arquitetura. *Revista AU: Arquitetura e Urbanismo*, ano 8, n.45, p.22, 1993a.
- ROCHA, P.M. Tietê: futuro desenhado. In: BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, 2., 1993, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Institutos de Arquitetos do Brasil, 1993b. p.335.
- ROCHA, P.M. O espaço como suporte para a arte pública. In: SEMINÁRIOS DE ARTE PÚBLICA, 1998, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Sesc, 1998. p.30-32.
- ROCHA, P.M. De um traço nasce a arquitetura. *Revista Arc Design*, n.1, p.36-39, 1999.
- ROCHA, P.M. Entrevista a Maria Isabel Villac, maio de 1995; junho de 2007. In: VILLAC, M.I. (Org.). *América, natureza e cidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012a. p.27-87.
- ROCHA, P.M. Transcrição aulas UNITAU: Taubaté, 10 de maio, 7 de julho e 22 de novembro de 1990. In: VILLAC, M.I. (Org.). *América, natureza e cidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012b. p.107-139.
- ROCHA, P.M. Aula inaugural: 50 anos da FAU-USP. In: VILLAC, M.I. (Org.). *América, natureza e cidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012c. p.141-148.
- RODRIGUES, A.E.M. O ato de descobrir ou a fundação de um novo mundo. *Revista Gávea*, n.10. 1993, p.79-87.
- RODRIGUES, A.E.M. Os sonhos renascentistas: cidades ideais e cidades utópicas. *Revista Gávea*, n.14, 1996, p.501-515.
- ZAMBRANO, M. *Filosofia y poesía*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MARIA ISABEL VILLAC Professora Doutora | Universidade Presbiteriana Mackenzie | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | R. da Consolação, 930, 01302-907, São Paulo, SP, Brasil | E-mail: <belvillac@gmail.com>.

Recebido em
4/7/2012,
reapresentado em
27/11/2012 e aceito
para publicação em
14/1/2013.